

EU GOSTO DO GOSTO DE GOSTAR DE LER: A LEITURA COMO GÊNERO DISCURSIVO NA ESCOLA

Eduardo Dias da Silva¹

RESUMO: Este artigo, de cunho qualitativo, que se insere na perspectiva interpretativista de uma pesquisa exploratória (ALMEIDA, 1996; GIL, 1993; MARCONI, LAKATOS, 1990), consiste em apresentar algumas reflexões suscitadas a partir da relação entre a teoria do gênero discursivo (BAKHTIN, 2000; 2013), literatura (CAGLIARI, 1998, 2004; MARTINS, 2006), leitura e a prática (ZILBERMAN, 2006; COELHO 1991), traduzidas na experiência da construção do fazer pedagógico em ambiente escolar. Busca-se responder ao seguinte questionamento: a leitura, como gênero discursivo a ser trabalhado na escola, pode contribuir de que maneira para o ensino-aprendizagem dos alunos? Esta questão está presente no contexto das instituições de Educação Básica, explicitando a complexidade embutida na expressão “prática de leitura”, sobretudo, considerando a construção histórica desse conceito no contexto brasileiro. Através deste trabalho, é possível ponderar sobre alguns de muitos aspectos que envolvem o desenvolvimento da leitura e compreender que o desenvolvimento do ensino-aprendizagem em crianças e em adolescentes (alunos) não se limita às ideias de tarefas, mas se perpetua como caminho para novas reflexões sobre a própria língua e linguagem por práticas sociais de leitura.

Palavras-chave: leitura; gênero discursivo; Educação básica.

I LIKE THE PLEASURE OF READING: READING AS DISCURSIVE GENDER AT SCHOOL

Abstract: This article – which is inserted in an interpretive perspective of an exploring research (ALMEIDA, 1996; GIL, 1993; MARCONI, LAKATOS, 1990) – shows some thoughts provoked by the relation between theory and discursive gender (BAKHTIN, 2000; 2013), literature (CAGLIARI, 1998, 2004; MARTINS, 2006), reading and practice (ZILBERMAN, 2006; COELHO 1991). This relation was translated into the construction experience within pedagogical production in school environments. The article tries to answer the following question: how can reading, as a discursive gender, to be studied at school and contribute to students’ teaching-learning process? This question is present in the Basic Education institutions, setting out the complexity in the expression “reading practice”, especially taking the historic construction of this concept

¹ Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (2014). Professor de Francês Língua Estrangeira (FLE) na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEE/DF/CILSOB.

in Brazilian setting into account. Through this paper, it is possible to consider some of many aspects related to reading development and to understand that children and teenagers' (students) development of teaching-learning process cannot be limited to the task ideas. This development is a path to new thoughts on language itself as well as language produced by means of social reading practices.

Keywords: Reading; Discursive gender; Basic education.

INTRODUÇÃO

A leitura se constitui como um grande problema social da atualidade. Conscientes dessa realidade, professores deparam-se com a falta de instrumentos pedagógicos no desenvolvimento de estratégias de leitura. Afinal, esses profissionais necessitam apresentar resultados concretos, com caráter mais científico. Necessitam, principalmente, ter presentes os níveis de apropriações atingidos para servir de indicativos e, assim, criarem novas estratégias, diversificados recursos e técnicas para a evolução dos processos de leitura.

O motivo norteador que nos impulsionou pesquisar essa temática é o fato de ser professor e de perceber diariamente que há crianças e adolescentes com dificuldades diversas, principalmente em torno do desenvolvimento da leitura, e o quanto essas crianças e adolescentes trazem de bagagem para socializar em sala de aula. Além disso, também percebemos o quanto o professor pode transformar tal bagagem em ferramenta de uso pedagógico para o desdobramento de habilidades na leitura. Nesse segmento não poderíamos deixar de citar Freire (2009, p. 15), que elucida:

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado... Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz [...].

A Educação Básica precisa proporcionar momentos prazerosos de leitura que abarquem todo o contexto familiar e social em que o aluno está envolvido, potencializando a formação de um sujeito crítico e reflexivo, pois é necessário que as práticas do professor em sala de aula satisfaçam as necessidades reais do aluno, considerando-o participante ativo do seu processo de ensino-aprendizagem.

O aluno já chega à escola com um conhecimento de mundo bem amplo, competindo à escola sistematizar esses dados com propostas pedagógicas que atendam às necessidades específicas em relação à apropriação da leitura. Assim, buscamos responder ao seguinte questionamento: de que maneira a leitura, como gênero discursivo a ser trabalhado na escola, pode contribuir para o ensino-aprendizagem dos alunos?

Visando alcançar os objetivos propostos foi feita uma pesquisa exploratória, com vistas a proporcionar maior familiaridade com os problemas referentes à aplicação das atividades de incentivo à leitura dentro do ambiente escolar, proporcionando uma maior visibilidade à temática. Este tipo de pesquisa foi adotado, pois “é o que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (GIL, 1993, p. 46). A pesquisa exploratória “apresenta descrições fidedignas de uma situação, tentando descobrir as relações existentes entre seus elementos” (ALMEIDA, 1996, p. 105). Gil ainda esclarece que a pesquisa exploratória, na maioria dos casos, envolve um “levantamento bibliográfico [e] pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado” (1993, p. 45).

Dessa forma, com base nos procedimentos técnicos a serem utilizados, foi realizada também uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil, “é desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos” (1993, p. 48), ou seja, “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados” (MARCONI; LAKATOS, 1990, p. 23).

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, pois os dados colhidos são compostos, em sua grande maioria, por relatos de profissionais que trabalham com a leitura. A pesquisa qualitativa é baseada “na presença ou ausência de alguma qualidade ou característica, e também na classificação de tipos diferentes de dadas propriedades” (MARCONI; LAKATOS, 1990, p. 126).

O tema tratado neste artigo é relevante porque as possibilidades que as habilidades de leitura trazem são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade em geral. Estando na Era da Informação, e para atender essa demanda, é necessário que se trabalhem as habilidades da leitura, proporcionando condições favoráveis ao desempenho intelectual e social da criança e do adolescente.

A criança e o adolescente, à medida que amadurecem, aprendem paulatinamente a compreender os outros, a si mesmos e também o mundo ao redor. No tocante a isso, a leitura destinada a tais grupos propicia a busca de sua identidade e interação com a realidade, na medida em que se configura como gênero que a um só tempo é fruição, divertimento, como também um retrato do mundo e da humanidade.

Leitura como gênero discursivo

Iniciando a reflexão sobre a leitura como gênero discursivo, ela será abordada conforme a teoria dos gêneros discursivos proposta por Bakhtin (2000; 2013), a ser trabalhado em sala de aula por contribuir claramente para a construção do ser que se reconhece nas personagens que passeiam pelas histórias, sejam elas de ficção ou não. Outra contribuição de Bakhtin (2013), em artigo publicado recentemente no livro *Questões de estilística no ensino de língua*, discute a importância da leitura em voz alta e da entonação no ensino-aprendizagem de formas complexas da língua, sempre valorizando a experimentação do leitor, como podemos observar no trecho abaixo:

Adiante, junto com os alunos, chegamos à conclusão de que o elemento dramático do período sumiu totalmente: aquela entonação, a mímica e o gesto com ajuda dos quais explorávamos a dramaticidade interna durante a leitura em voz alta do texto de Puchkin tornaram-se claramente inconvenientes na leitura de nossa reformulação. De acordo com os alunos, a frase tornou-se mais literária, muda para a leitura com os olhos: ela não pede mais uma leitura em voz alta. (BAKHTIN, 2013, p. 31)

Segundo Zilberman, a escola é bastante propícia como “um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para intercâmbio da cultura literária” (2006, p. 16). Como já se afirmou, em muitos casos, para tantos alunos (crianças e adolescentes), a única oportunidade de contato com a leitura se encontra na escola, apesar de, por vezes, precária. Eis, portanto, a responsabilidade desta na formação de leitores.

A leitura pode ser conceituada como sendo um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas que se dá a conhecer através de várias linguagens, de acordo com Martins (2006). Portanto, a leitura não se limita apenas à decifração e decodificação de sinais gráficos. É muito mais do que isso: exige do leitor uma

participação efetiva, levando-o à construção do conhecimento. Assim sendo, aprender a ler não é só um processo cognitivo, mas é também uma atividade social e cultural para criação de vínculos entre cultura e conhecimento.

Ler é uma atividade muito complicada e a leitura não é somente a realização da finalidade da escrita, conforme lembra Cagliari (2004) em seus estudos. Esse mesmo autor elucida ainda que, apesar da complexidade, a leitura tem grande importância na vida das crianças e dos adolescentes, visto que a maioria dos problemas enfrentados pelos alunos desde sua tenra idade até o nível superior está relacionada justamente às dificuldades de leitura. Coelho (1991) reforça dizendo que a leitura é condição básica do ser humano no sentido de compreensão do mundo.

Na medida em que produzem enunciados, as crianças e os adolescentes (leitores) se baseiam em formas-padrão relativamente estáveis que se constituem sócio-historicamente, de acordo com as práticas comunicativas e interacionais em que estão inseridos. A essas formas-padrão, intrinsecamente relacionadas à vida sociocultural, denominam-se *gêneros discursivos*, por meio dos quais se realizam todos os (con)textos. Desse modo, não há comunicação/leitura sem os gêneros discursivos, não importando a estrutura discursiva. Bakhtin diz:

...utilizamos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos) (2000, p. 301).

Assim, o indivíduo² constitui-se como ser social na medida em que ele dispõe do uso dos gêneros discursivos, e esta interação sociodiscursiva é feita *na e pela* leitura, que, apesar de relativamente estável, possui suas características de imprevisibilidade e subjetividade tal qual é a representação do indivíduo.

Pode-se refletir sobre a fundamental importância de os professores reconhecerem a leitura em seu caráter polissêmico para selecionar obras que propiciem o dialogismo, a interação entre o autor e leitores. Tal postura pode garantir o prazer da

² Os termos *aluno*, *sujeito*, *indivíduo*, *criança* e *adolescente* são utilizados indiscriminadamente e sem distinção neste artigo, como pertencentes ao mesmo eixo de significação – o leitor – como identidade social, política, ideológica (res)significada no tempo e no espaço, socialmente. (N.A.)

leitura e, conseqüentemente, a formação de leitores que busquem a leitura para além do utilitarismo a que muitos a reduzem.

Formar tais leitores implica reavivar a concepção da linguagem como manifestação da cultura do ser humano que se funda no uso da palavra oral e escrita como forma de interação. Afinal, a língua não serve apenas para comunicar ideias, descobertas científicas ou para atender a necessidades do cotidiano, por exemplo, como ferramenta em bilhetes.

A língua serve para comunicar estados da sensibilidade, do jogo com as palavras, nos mais distintos modos de se dizer uma mesma coisa. A leitura responde a essa necessidade humana de se expor e de se encontrar na arte. Oferecer oportunidades de contato com esses modos de ver o mundo e de contar o que se vê é, sem dúvida, um dos papéis do professor.

É esse o reconhecimento necessário ao trabalho com a leitura na escola. Se o professor considera o gênero discursivo **leitura** apenas mais uma ferramenta que serve de pretexto para se estudar a gramática, a ortografia, os valores que se quer inculcar nas crianças e adolescentes, o afastamento da leitura será apenas uma questão de tempo.

Dentre as questões mais polêmicas que pairam sobre as instituições de Educação Básica, a questão do trabalho com a leitura de livros literários, desde a sua finalidade até a metodologia que deva ser empregada em sala de aula, tem despertado grande interesse, dentro e fora do ambiente escolar.

Discussões sobre o papel da leitura do texto literário na formação do aluno, sobre o tipo de abordagem que deve ser empregada para que haja uma interação entre a criança ou o adolescente e o universo artístico da obra literária, e sobre o tipo de leitura que o professor deve trazer para o trabalho com o aluno têm-se tornado constantes entre os educadores.

A necessidade da presença do livro literário em sala de aula é algo incontestável. Fonte inesgotável de conhecimentos e descobertas, a leitura, enquanto atividade cognitiva, contribui para a ampliação do processo perceptivo do leitor.

O profissional da educação nunca deve perder de vista o princípio artístico que é o fundamento de toda obra literária: a literatura é, antes de mais nada, arte; é um fenômeno de criatividade que representa o ser humano, o universo, a vida por meio da

palavra, numa comunhão entre o sonho e a vida prática, entre a utopia e a realidade. De acordo com Coelho:

Na verdade, desde as origens, a Literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, onde se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, onde se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a Literatura (ou com a Arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade (1991, p. 25).

Justamente por ser a expressão artística de algo que é tão vasto e multifacetado como a natureza humana e por refletir toda essa complexidade que é inata ao ser humano, ao seu mundo e às suas relações existenciais, é que a literatura se apresenta como um objeto misterioso, enigmático, fascinante e essencial.

Assim sendo, a arte literária é uma necessidade vital para o homem, pois, através do trabalho com a linguagem/língua, através do prazer estético, estimula-se a criatividade do ser humano, abrindo sua mente para a formação de uma nova mentalidade e ensinando-o a lidar com seus medos, seus anseios, seus sonhos e suas frustrações de forma a enriquecer sua própria experiência de vida.

Para o êxito do trabalho com a leitura em sala de aula, é necessário que o professor tome consciência do seu papel, como mediador entre a obra de arte e o aluno; para que este reorganize seu conhecimento e sua consciência-de-mundo, é imprescindível que, antes, o professor reorganize também seus conhecimentos e sua consciência-de-mundo.

Assim, o profissional da educação deve se orientar em três direções essenciais: a da literatura, como um leitor atento, crítico e constante; a da realidade social, como um cidadão consciente de seu papel transformador, de seu espírito crítico e criativo; e a da experiência docente, buscando, como profissional competente, novas formas de despertar em seus alunos o gosto pela leitura e a posição crítica frente à mesma, transformando-os em leitores autônomos.

Outro ponto crucial a ser compreendido nesse contexto de leitura é a compreensão de que não se nasce leitor, mas que se torna leitor a partir das experiências que se vivencia enquanto tal. Aqui cabe uma reflexão sobre as atividades propostas a

partir da leitura de textos literários ou mesmo a proposta de escritura de textos, cujas expectativas são produções literárias dos alunos.

Há algo mais maçante do que escandir versos ou classificar estrofes e rimas? Será que a imposição de elaboração de poemas a partir de um tema específico atrai o olhar de todos os alunos? Será que dá prazer ler um livro para responder a uma prova sobre quais são os seus personagens e a mensagem que o autor quis transmitir? Será prazeroso responder fichas literárias sobre personagens principais, secundários, clímax da narrativa e resumo da obra?

O texto “A boca, no papel” de Carlos Drummond de Andrade, corrobora a afirmação de que se tem um tempo para amadurecer como leitor e produtor de textos e que esse amadurecimento ocorre pelas vivências, inclusive por meio do contato com textos literários.

Em relação a essa obra, como seria a avaliação do professor ao texto inicial do aluno? O relato do menino mostra a visão que se tem da produção de um texto, mostra o quanto está desmotivado a realizá-lo, que o faz para a professora não bronquear, que não está preparado para escrevê-lo. Alguém já viu algo assim na escola?

O garoto da vizinha me pediu que o ajudasse a fazer (a fazer, não, a completar) um trabalho escolar sobre a boca. Estava preocupado porque só conseguira escrever isto: “Pra que serve a boca? A boca serve pra falar, gritar e cantar. Serve também pra comer, beber, beijar e morder. Eu acho que a boca é um barato”. Quería que eu acrescentasse alguma coisa.

— Que coisa?

— Qualquer coisa, ué. Escrevi só quatro linhas, a professora vai bronquear.

— Mas em quatro linhas você disse o essencial. Para mim, só faltou dizer que a boca serve também para calar.

Em boca fechada, não entra mosquito.

— Isso não dá nem uma linha — e os olhos do garoto ficaram tristes. — Por favor, me ajude...

Então resolvi fazer a minha redação, como aluno ausente do Colégio Esperança, e passá-la ao coleguinha, a título de assessor de emergências.

A boca! Tanta coisa podemos falar sobre a boca, mas é sempre por ela que falamos dela. Até a caneta e o lápis são uma espécie de boca para falar sobre a boca. Eles vão riscando e saem as palavras como se saíssem por via oral. (Risquei a expressão “por via oral”. É muito sofisticada, ninguém vai acreditar que fui eu que escrevi. Mas foi sim (ANDRADE, 1987, p. 17).

Mas se a atividade listada anteriormente não é adequada, como se irá avaliar a leitura dos alunos? Será que elas precisam ser avaliadas nesse contexto de avaliação que

se traz arraigada à prática? Será que se precisa medir o quanto o aluno conhece do texto lido para lhe dar uma nota? Se não houver esta avaliação, o aluno vai ler o livro? A maior parte dos alunos lê só por conta da nota. E aí? O que fazer?

Não devemos pensar que a questão é simples ou fácil de resolver. Mas deve-se começar pensando em você mesmo como leitor. O que você lê? Por que gosta deste tipo de leitura? O que o faz procurar por um livro? Para estimular a discussão a respeito, citamos Rubem Alves (2004), que apresenta algumas respostas para as questões aqui propostas:

Nietzsche estava certo: “De manhã cedo, quando o dia nasce, quando tudo está nascendo – ler um livro é simplesmente algo depravado”. É o que sinto ao andar pelas manhãs pelos maravilhosos caminhos da fazenda Santa Elisa, do Instituto Agrônomo de Campinas. Procuo esquecer-me de tudo que li nos livros. É preciso que a cabeça esteja vazia de pensamentos para que os olhos possam ver. Aprendi isso lendo Alberto Caeiro, especialista inigualável na difícil arte de ver. Dizia ele que “pensar é estar doente dos olhos”. Mas meus esforços são frustrados. As coisas que vejo são como o beijo do príncipe: elas vão acordando os poemas que aprendi de cor e que agora estão adormecidos na minha memória. Assim, ao não pensar da visão, une-se o não-pensar da poesia. E penso que o meu mundo seria muito pobre se em mim não estivessem os livros que li e amei. Pois, se não sabem, somente as coisas amadas são guardadas na memória poética, lugar da beleza. “Aquilo que a memória amou fica eterno”, tal como o disse a Adélia Prado, amiga querida. Os livros que amo não me deixam. Caminham comigo. Há os livros que moram na cabeça e vão se desgastando com o tempo. Esses, eu deixo em casa. Mas há os livros que moram no corpo. Esses são eternamente jovens. Como no amor, uma vez não chega. De novo, de novo, de novo... (ALVES, 2004, s/p.)

Como se pode apreender, para o autor, leitura foi feita para dar prazer. Se partimos desse pressuposto, todas as atividades das quais se falou e que estão presentes na prática escolar perdem o sentido, não é? Pelo simples fato de que não objetivam dar prazer a quem lê, mas permitir aos alunos contato com a literatura, porque não é culto quem não conhece literatura. Ou seja, se não se mudar tal mentalidade, se não se enxergar como leitor que sente prazer em leitura de livros que estão à disposição, Rubem Alves tem razão: não há esperança.

Outro autor que trata da leitura pelo prazer de ler é Cagliari (1998). Segundo ele, a criança e o adolescente que se interessam pela leitura conseguem resolver uma série de dificuldades enfrentadas em sala de aula. Precisa-se considerar que a função da escola não é apenas de ensinar a ler a palavra, a frase, o texto, mas proporcionar à

criança e ao adolescente um contato diário com a leitura, levando-os a fazer o uso dessa leitura em suas práticas sociais.

Aprender a ler é também aprender que é possível sentir prazer no contato com o outro, na interação com as diversas linguagens que são capazes de dizer aquilo que não se imaginava até que se estivesse ali à disposição. Um bom exemplo pode estar em uma declaração de amor. Pode-se dizer “Eu te amo”; “Eu te adoro”; “Te curto muito”; “Não vivo sem você”, mas Vinícius de Moraes e Baden Powell (s/d) o dizem assim: “Eu sem você / Não tenho porquê / Porque sem você / Não sei nem chorar / Sou chama sem luz / Jardim sem luar / Luar sem amor / Amor sem se dar / Sem você, meu amor / Eu não sou ninguém”.

Literatura, independente de ser objeto a ser trabalhado na escola, é fruição estética, é beleza, é história, é cultura à flor da pele. Quando se descobre isso, dá-se o primeiro passo em direção a um trabalho de qualidade com a leitura na escola, pois não há, insistimos, como ensinar o que não se compreende, aquilo em que não se acredita e não se sente. Se não sentimos prazer em ler literatura, nosso discurso se esvazia na falta de exemplo, na falta de verdade.

De acordo com Eichenberg (2006), o estímulo ao exercício imaginativo, proporcionado pelo objeto artístico, contribui para o rendimento intelectual do leitor, apesar de ser, muitas vezes, desconsiderado em sala de aula. Uma das principais tarefas do professor que atua na Educação Básica é aperfeiçoar e ampliar a capacidade linguística do aluno, aspecto decisivo para o seu bom desempenho em todas as áreas do conhecimento.

Por essa razão, a presença da leitura na agenda escolar, desde que respeitado o seu caráter polissêmico, pode ser apontado como excelente auxiliar do professor. Eis algumas ideias de como se pode trabalhar com a leitura em sala de aula e fora dela:

- a) Conte outra vez: a partir da leitura de obras diversas de literatura e por meio da elaboração de *slides* com figuras dos livros lidos, os alunos recontam histórias de que gostaram. A mesma atividade pode ser realizada com desenhos feitos pelos alunos em grafite, pintura, colagem em uma ação interdisciplinar com artes. Pode ainda ser feito o reconto, utilizando recursos tecnológicos de animação gráfica.

- b) Improvisação em cena: montagem de grupos de teatro a partir de textos literários ou não, já feitos para o teatro ou a ser transformados pelos alunos.
- c) Reinventando os clássicos: após a leitura de romances, novelas, contos e crônicas, os alunos são instigados a recontar o final das histórias.
- d) Eu também quero ser autor: elaboração de poesias, contos e crônicas, individual ou coletivamente, para elaboração de livro a ser publicado na escola.
- e) O escritor na escola: ciclo de palestras com escritores da cidade.
- f) Você decide: como ficam os contos de fadas recontados para os dias atuais. Tais recontos podem ser publicados no jornal da sala ou da escola ou apresentados em forma de teatro de bonecos.
- g) Roda-viva: quem são os autores que lemos. Os alunos se travestem de autores famosos para contar como foi sua história e os processos de criação de seus textos.
- h) Hora do conto: contos e minicontos contados pelo professor.
- i) Meu professor também é leitor: depoimentos dos professores sobre os livros que têm lido, sobre os autores de que mais gostam ou desgostam, textos que valeram a pena.
- j) Crônicas do cotidiano: hora da leitura na sala de aula.
- k) Biblioteca viva: projetos de aquisição e doação de livros.
- l) Leitura bate a porta: os textos chegam periodicamente às casas de nossos alunos para leitura com a família.
- m) Cordel na escola: os alunos conhecem a literatura de cordel, representam as histórias e produzem histórias de cordel a serem apresentadas em momento cultural na escola. Podem ainda fazer o cordel e as xilogravuras.
- n) De onde vem e para onde vai: o aluno pesquisa qual a realidade literária da região em que vive ou em que nasceu, quem são os poetas da região; quais são os escritores conhecidos.
- o) Música também é poesia: pesquisa sobre o quanto a música se apropria de textos poéticos.

Como se pôde perceber, todas as atividades indicadas são para seduzir e não para afastar. Esse é o primeiro passo para formar o leitor. Descobrir o prazer de ler. Esta pesquisa procurou abordar a importância da leitura na vida das crianças e dos

adolescentes e as suas vantagens no crescimento e desenvolvimento infanto-juvenil, bem como buscou evidenciar o papel do professor como incentivador deste ato no ambiente escolar, confirmando, dessa forma, a relevância do gosto pela leitura desde cedo.

Considerações finais

Por meio deste trabalho estamos tendo oportunidade de ponderar sobre alguns de muitos aspectos que envolvem o desenvolvimento da leitura. Entendemos que o tema abordado é de grande complexidade, pois o mesmo não se esgota por aqui e o desenvolvimento do ensino-aprendizagem da leitura de crianças e adolescentes não se limita às ideias de tarefas aqui sugeridas, mas se perpetua como caminho para novas reflexões sobre a própria língua e linguagem por práticas sociais de leitura.

Vale ressaltar que é na escola que precisa acontecer a sistematização dos saberes que os alunos levam como ferramenta pedagógica ao professor. Este seleciona os saberes do aluno e constrói sentido para o conhecimento no que diz respeito às habilidades da leitura.

No decorrer deste artigo, os teóricos como Aguiar, Bamberger, Eichenberg, Freire, Zilberman, dentre outros, contribuíram muito no sentido de conduzir as discussões, evidenciando a importância da leitura como atividade funcional da comunicação e do ensino-aprendizagem, bem como deixando explícita a relevância da mediação docente no processo de seleção e sistematização da leitura.

O contato sistêmico da criança e do adolescente com variados gêneros discursivos bem como com uma proposta pedagógica que considere o contexto social da criança e do adolescente como um momento de construção de habilidades e estratégias possibilitará avanços positivos no processo de desenvolvimento da leitura.

Ao final desse artigo, concluímos que a leitura é o caminho para a transformação, desde que trabalhada em todas as suas dimensões, pois só assim garantirá aspectos positivos na formação do leitor, formando seres pensantes que questionam o mundo real em que vivem.

A escola necessita cumprir esse ideal que tanto deixa a desejar. Portanto, como os professores estão sempre em formação, é necessário que estes façam uma reflexão sobre como vem sendo trabalhada a leitura em sala de aula. Com certeza essa reflexão

irá contribuir para abrir caminho à conscientização do objetivo maior da leitura, que é o de formar leitores autênticos, autônomos, críticos, dentre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, V. T. *et al.* (Orgs.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- ALMEIDA, M. L. P. *Como elaborar monografias*. 4.ed. rev. atual. Belém: Cejup, 1996.
- ALVES, R. “Sob o feitiço dos livros”: Em *Folhaonline* de 27 de janeiro de 2004. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u727.shtml>> acesso em 14 de setembro de 2014.
- ANDRADE, C. D. de. *Moça deitada na grama*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- BAKHTIN, M. “Os gêneros do discurso”. Em *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. pp. 262-335.
- _____. *Questões de estilística no ensino de línguas*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34. 2013.
- BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CAGLIARI, C. L. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2004.
- _____. *Alfabetizando sem o bá-bé-bí-bó-bu*. São Paulo: Scipione, 1998.
- COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Ática, 1991.
- EICHENBERG, R. C. *Literatura na escola: um projeto de incentivo à leitura*. Em: COLÓQUIO LEITURA E COGNIÇÃO, vol. 2, 2006, Santa Cruz do Sul / RS. Anais. Santa Cruz do Sul/RS: PUCRS, 2006. pp. 1-7. Disponível em: <http://www.unisc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/letras/anais_2colouquio/literatura_na_escola.pdf> acesso em 08 de setembro de 2014.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.
- MARTINS, M. H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MORAES, V. de; POWELL, B. *Samba em prelúdio*. S/l/d. Disponível em <<http://www.vidaem poesia.com.br/viniciusdemoraes2.htm>> acesso em 14 de setembro de 2014.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

Recebido em 17/12/2014.

Aceito em 01/01/2015.